

**REFLEXÕES SOBRE O
ENSINO DE LÍNGUAS
ESTRANGEIRAS NA
INFÂNCIA**

MOTTER, Rose Maria Belim ¹

¹ Professora Assistente do Colegiado do Curso de Letras / Cascavel / Unioeste.

RESUMO: Com base em estudos que mostram a capacidade biológica do ser humano de aprender línguas e na teoria de aquisição desenvolvida por Krashen (1982), este trabalho pretende mostrar a necessidade de as escolas se preocuparem com o ensino da língua estrangeira desde as séries iniciais. Nesta discussão, serão abordadas as vantagens e as responsabilidades da inserção do idioma estrangeiro na educação de crianças nessa faixa etária. Objetiva-se, também, com este estudo, mostrar que a linguagem é a principal ferramenta de relacionamento humano e que qualquer pessoa pode desenvolver proficiência em línguas estrangeiras, porém, umas com mais facilidade e perfeição, e outras, com mais tempo de estudo e com possibilidade de apresentar desvios, principalmente na pronúncia.

PALAVRAS-CHAVE: séries iniciais, língua estrangeira, ensino, aquisição.

ABSTRACT: Based on studies which show the human being's biological capacity to learn languages and on the Krashen's acquisition theory (1982), this paper intends to discuss the necessity of schools thinking about foreign language teaching since the first years of primary school. In this discussion, we point out the advantages and the responsibilities in teaching a foreign language to children. Through this study, we also aim to show that the language is the main tool in the human relationship and argue that anybody can develop proficiency in foreign languages, but ones with flair and perfection and others with more time of study and with the possibility of presenting deviation, mainly in pronunciation.

KEYWORDS: first grades, foreign language, teaching, acquisition

INTRODUÇÃO

Pesquisas realizadas por neurolingüístas, psicólogos e lingüístas oferecem uma série de possíveis explicações com relação ao desenvolvimento da habilidade da fala. Essas conclusões, por constituírem resultados de estudos científicos, ajudam a entender o desempenho cognitivo do ser humano no processo de aquisição tanto da língua materna - LM - quanto da língua estrangeira - LE, ou segunda língua, L2 - por crianças e adultos.

Seguindo esses estudos, parece não haver mais dúvida de que existe uma idade crítica apontada como limite, a partir da qual o aprendizado de línguas começa a ficar mais difícil. Este período parece situar-se em torno dos doze anos de idade, isto é, no início da puberdade, podendo variar muito de pessoa para pessoa e, principalmente, variar em função das características do ambiente lingüístico em que o aprendizado ocorre.

As limitações com relação à aquisição da LE que começam a se manifestar a partir da puberdade estão fundamentalmente ligadas à pronúncia. A dificuldade em pronunciar sons novos que não existem na LM e até mesmo a dificuldade de distinguir sons semelhantes, existentes em ambas as línguas, faz com que as marcas da língua materna na língua estrangeira se apresentem com mais evidência, resultando, assim, em uma fala com sotaque ou até mesmo com desvios de pronúncia.

Estudos na área da Neurolingüística (cf., por exemplo, VILANOVA; LENNENBERG, apud TAVARES, 2002) apontam que, quanto mais jovens, maiores as probabilidades de as crianças captarem os sons de outras línguas, tanto no que se refere à possibilidade de pronunciar corretamente os sons quanto à possibilidade de distinguir determinados fonemas de uma para outra língua. De acordo com Vilanova (apud TAVARES, 2002), quanto mais precocemente uma pessoa for exposta a um idioma, mais facilmente vai adquirir domínio sobre o mesmo. Caso contrário, o cérebro vai deletando as informações e, no futuro, o aprendiz apresentará dificuldade em imitar determinados sons, perdendo a capacidade de reproduzi-los da forma como lhe foram ensinados. Em suma, quanto mais tarde a pessoa é exposta a um segundo idioma, mais difícil se torna a aprendizagem correta da pronúncia, e o ritmo da fala pode perder completamente a cadência adequada.

Segundo o autor acima citado, os dois hemisférios cerebrais desempenham diferentes funções: o esquerdo é o lado do raciocínio lógico e analítico, enquanto o direito é o lado criativo, artístico, sensível à música, responsável pelas emoções e especializado na percepção e construção de modelos e estruturas do conhecimento. O processo de transformação das experiências recebidas em conhecimento está ligado ao hemisfério direito. Seria, então, por assim dizer, a porta de entrada das experiências. Sabe-se, também, que a lateralização do cérebro ocorre a partir da puberdade. Ou seja, no cérebro de uma criança, os dois hemisférios estão mais interligados que no cérebro de um adulto. Essa interligação corresponde ao período de aprendizado máximo. A assimilação da língua

ocorreria via hemisfério direito para ser sedimentada no hemisfério esquerdo como habilidade permanente. Portanto, o desempenho superior das crianças estaria relacionado à maior interação entre os dois hemisférios cerebrais.

Seguindo a direção apontada por esses estudos, este artigo tem, essencialmente, o intuito de promover reflexões a respeito do ensino da LE na infância. Esta intenção, aqui posta, resulta de estudos realizados nesta área por professores da UNIOESTE, *campus* Cascavel.

A CRIANÇA E A LÍNGUA

O neurologista Eric H. Lenneberg (apud TAVARES, 2002, p. 03) reforça o que diz Vilanova ao defender que, quanto mais jovem o indivíduo, mais aberto estaria à absorção de um idioma. Esta capacidade sofre diminuição com o passar do tempo. Segundo o autor, depois dessa idade limite, a fluência também pode ser conquistada, mas demanda maior esforço. É inegável que haja aprendizagem mesmo com idade bastante avançada, mas é preciso considerar fatores como os objetivos e as expectativas com relação à absorção de uma nova língua, bem como o contexto em que o ensino acontece, levando-se em conta, também, os diversos níveis de dificuldades que se apresentam ao aprendiz.

As pesquisas acima mencionadas indicam que a criança até três ou quatro anos de idade, quando exposta aos fonemas de uma língua ou a qualquer série de sons diferentes, terá mais facilidade de absorvê-los que pessoas com idade mais avançada. Para Xavier (apud TAVARES, 2002, p. 03), até os vinte anos, o cérebro humano apresenta alterações detectáveis. Após essa idade, as mudanças ocorrem de forma pouco perceptível. Se esse processo de aquisição não ocorrer nessa fase, o tipo de conexão nervosa necessário para discriminar certos fonemas não apresenta mais a mesma flexibilidade, devido à maturação do sistema nervoso. Quanto mais tempo a pessoa demorar a ser exposta à LE (L2), maior implicação isso terá no processo de aprendizagem da língua. Lightbown e Spada (2003, p. 03) apontam a habilidade da

criança em aprender mais de uma língua em seus primeiros anos, o que implica em progresso no desenvolvimento em ambas as línguas, a materna e a estrangeira.

Mesmo ainda muito jovem, antes dos cinco anos, a criança já conhece muito do complicado sistema gramatical da língua. Antes dos dois anos, a criança forma frases e junta sentenças, usando a sintaxe, a fonologia, a morfologia, a semântica e as regras gramaticais da língua. Segundo Fronkin e Rodman (1998, p. 320), ninguém ensina as regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas à criança. Ninguém a orienta dizendo: “forme a sentença acrescentando um verbo, um nome, um adjetivo”. Ela usa naturalmente a competência lingüística para construir a gramática da língua que ouve.

Para esses autores, a fim de adquirir o complexo sistema de regras gramaticais (ganhar competência lingüística), as crianças também aprendem a pragmática, ou seja, o uso apropriado da língua, a que muitos estudiosos têm chamado de “competência comunicativa”. Essas regras incluem, por exemplo, as saudações, as formas educadas para serem usadas em diferentes situações, os tabus, e assim por diante. Contudo, os autores pontuam que essa competência lingüística não surge da noite para o dia, mas se desenvolve por estágios. Cada estágio representa uma proximidade maior da gramática e da língua falada pelos adultos (FRONKIN; RODMAN, 1998).

A aquisição da fala e a descoberta do mundo são processos paralelos para a criança. A interação lingüística da qual a criança participa proporciona a maioria dos dados nesse processo de desenvolvimento. Como consequência, as estruturas neurais do cérebro, que correspondem aos conceitos que vão sendo aprendidos, acabam naturalmente e intimamente associadas às estruturas neurais que correspondem às formas da língua.

AS HABILIDADES COGNITIVAS DO ADULTO E DA CRIANÇA

Ao contrário da criança, o adulto encontra dificuldade para pronunciar determinados sons da língua estrangeira, principalmente aqueles que não fazem parte dos fonemas de sua língua materna. Essa dificuldade se dá, sobretudo, pelo fato

de o cérebro não ter sido treinado para discriminá-los ainda na infância. Outro aspecto a ser considerado é com relação ao aparelho fonador, órgão fisiologicamente preparado para produzir a fala, que, na vida adulta, já está estabilizado e preparado para a produção dos sons da LM. Decorre daí a dificuldade na articulação do som estrangeiro, cuja produção será imperfeita. Por isso, o processo de aquisição da LE se torna mais difícil e mais lento para o adulto, com maior probabilidade de se desenvolver sotaque.

Outra diferença importante entre o adulto e a criança refere-se às habilidades cognitivas. O adulto já percorreu grande parte de seu desenvolvimento cognitivo e, por esta razão, tem a capacidade de lidar com conceitos abstratos e hipotéticos, enquanto a cognição da criança, ainda em fase de construção, depende fundamentalmente de experiências concretas, de percepção direta. Isto explica porque os adultos têm capacidade superior para compreender a estrutura gramatical da língua estrangeira e de compará-la à da sua língua-mãe. Explica, também, a tolerância superior dos adultos quando submetidos a situações artificiais com o propósito de exercitar línguas estrangeiras. Por isso, é importante respeitar os estágios pelos quais a criança deve passar para atingir a maturidade da proficiência. Ensinar LE para crianças pode se tornar contraproducente se não forem tomados os cuidados necessários, respeitando o seu grau de maturidade.

A formalidade da língua ensinada na escola pode provocar níveis de estafa que marcam negativamente o processo de aquisição, resultando em bloqueios que limitam o interesse do aluno. O adulto é mais tolerante ao ambiente formal e artificial da aprendizagem. A criança, diferentemente, necessita de um ambiente mais próximo do natural para que sua concentração não entre em estresse e, como consequência, isso acabe limitando e inibindo seu contato com outras línguas.

Para Fronkin e Rondam (1998, p. 420), o adulto monolíngüe, por já possuir uma matriz fonológica sedimentada, caracteriza-se por uma sensibilidade auditiva amortecida, treinada a perceber e produzir apenas os fonemas

do sistema de sua língua nativa. A criança, por sua vez, ainda no início de seu desenvolvimento cognitivo, com filtros menos desenvolvidos e hábitos menos enraizados, mantém a habilidade de expandir sua matriz fonológica, podendo adquirir um sistema enriquecido por fonemas de línguas estrangeiras com as quais vier a ter contato.

AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM

Krashen (1982) estabelece uma distinção clara entre *aprendizagem* e *aquisição*. A *aprendizagem* refere-se ao estudo formal, que implica receber e acumular informações e transformá-las em conhecimento por meio de esforço intelectual e de capacidade de raciocínio lógico. Em contrapartida, a *aquisição* implica desenvolver habilidades funcionais através de assimilação natural, intuitiva e inconsciente, nas situações reais e concretas de ambientes de interação humana. Portanto, no desenvolvimento da proficiência em línguas, o ideal é que ocorra a aquisição. Krashen (1982) defende a maior importância da aquisição sobre a aprendizagem, referindo-se a adolescentes e adultos. Considerando que a aquisição está mais intimamente ligada aos processos cognitivos do ser humano na infância, deduz-se que a aquisição é ainda mais relevante no caso do aprendizado de crianças. Portanto, a proficiência lingüística pouco depende do conhecimento armazenado, mas, sim, da habilidade assimilada na prática, construída através de experiências concretas. Novamente, fica explicitada a maior facilidade das crianças no aprendizado de línguas.

Não são apenas fatores de ordem biológica que influenciam no aprendizado de uma língua estrangeira. Fatores de ordem psicológica e afetiva podem causar impacto direto na capacidade de aprendizagem. O adulto tende a apresentar maiores problemas causados pela ausência de motivo espontâneo, fator preponderante na criança. A resistência à língua do outro e a falta de conhecimento da cultura estrangeira são fatores que influenciam negativamente o processo de aquisição do novo idioma. Aquele que, por falta de informação, não se identifica com a outra cultura - e que, às vezes, até a despreza - estará

desmotivado para aprender a língua. Já a criança tem, por natureza, um alto grau de curiosidade com relação ao desconhecido e forte sintonia com tudo no ambiente que a rodeia.

Outro fator de ordem psicológica que merece destaque é que o adulto tende a se preocupar excessivamente com a forma e, com isto, constrói a idéia de certo e errado. Prefere não correr o risco de cometer deslizos. A falta de autoconfiança, causada por traumas durante a educação recebida em casa ou na escola, manifesta-se na radicalização desses conceitos. Ao se preocupar com sua própria imagem e com a possibilidade de cometer deslizos e erros, peca quanto à expectativa de resultados, o que o impede de usufruir, de maneira natural, do ambiente e da língua que o cerca. Assim, o fato de o adulto não possuir a curiosidade e o desprendimento da criança colabora para que a capacidade de aprendizagem daquele apresente maiores dificuldades.

Ao se ministrar aulas de língua estrangeira para crianças, deve-se, portanto, proporcionar um ambiente tal que a aquisição ocorra de maneira natural. É como brincar com um bebê. Ele passa a prestar atenção aos sons quando começa a balbuciar *ba, ba, da, da...*, e, dessa forma, já está treinando os fonemas básicos da língua. Assim como o primeiro contato com a LM normalmente se dá por meio da mãe, o primeiro contato com a LE, na maioria das vezes, se dá por meio do(a) professor(a). Ao que parece, ambos têm um poder decisivo para o desenvolvimento futuro da competência lingüística, podendo resultar em uma comunicação apropriada que transmita senso de lógica e causalidade ou deixar tudo no nível obtuso do incompreensível.

Da mesma forma como aprende a primeira língua, a criança tem aptidão para desenvolver outras línguas. Após o aprendizado da escrita e da leitura, a assimilação de um segundo idioma se dá de forma mais facilitada e tranqüila. É claro que, quanto mais cedo, melhor. Caso contrário, o aprendiz usará com mais relevo a estrutura da primeira língua, ao invés de raciocinar no segundo idioma e, com isto, irá se utilizar mais longamente da pura e simples tradução, arrastando-se por mais tempo até conquistar o desejável estágio da fluência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre aprendizagem de línguas mostram que as crianças assimilam idiomas com mais facilidade que os adultos; porém apresentam resistência ao aprendizado formal, artificial e dirigido. Mais do que os adultos, as crianças precisam e se beneficiam do contato humano para desenvolver suas habilidades lingüísticas. Elas procuram assimilar e fazer uso da língua estrangeira somente em situações de necessidade, desenvolvendo, assim, sua habilidade e construindo seu próprio aprendizado a partir de situações reais de interação em ambientes da língua e da cultura estrangeira. Portanto, a autenticidade do ambiente, principalmente na figura do facilitador - professor - é mais importante do que o caráter das atividades (lúdicas ou não), e a predisposição de ambos é mais importante do que qualquer planificação didática predeterminada.

Há também que se ter cuidado com o uso do lúdico. A falta de preparo do professor poderá levá-lo a crer que, ao privilegiar o aspecto lúdico e o trabalho manual - desenhar, pintar e escrever a palavra na LE - estará propiciando ao aluno um ambiente natural, interativo e autêntico. No entanto, tais atividades poderão mascarar um conteúdo formal que prioriza o ensino puramente estrutural da língua. É preciso ressaltar que o uso do formalismo pode trazer dificuldades e frustrações futuras ao aprendizado da criança.

Não se pode esquecer de que o ritmo de assimilação da criança é mais rápido. O professor deve estar preparado para tirar vantagens desse período, oferecendo conteúdos apropriados para essa faixa etária. Ao iniciar a vida escolar, o aluno apresenta grande curiosidade em relação ao idioma estrangeiro. Por isso, acredita-se que a escola deva aproveitar essa disponibilidade e, decididamente, oferecer o ensino de uma nova língua. Isto significa ganhar tempo, pois se estará encurtando a distância para a aquisição, bem como diminuindo a dificuldade do aluno em aprender e a se comunicar num novo idioma.

Porém, a escola, excessivamente formalizada, tem a atenção voltada somente para o ensino da escrita e da leitura, como ocorre no processo de alfabetização na LM. A chegada

da criança neste ambiente para aprender uma LE é confundida com o processo de aprendizagem da leitura e da escrita da LM e, dessa forma, aplica-se o ensino da língua-alvo em uma perspectiva estrutural, com foco no desenvolvimento da leitura e da escrita, sem respeitar a ausência de familiaridade com a parte sonora e oral do novo idioma. Por não estar preparada para atender a criança no contexto da aquisição do novo idioma, a escola adota o mesmo método, a mesma abordagem e o mesmo sistema de ensino usado para a alfabetização da criança na língua portuguesa. O aprisionamento do professor ao livro didático e a metodologia voltada para o ensino de aspectos puramente estruturais da língua transformam em tempo perdido o período mais favorável para a aquisição da língua. Daí porque muitos estão sempre começando e pouco avançam. Isto ocorre porque se dá pouca ênfase à oralidade e nenhuma atenção à sonoridade da LE.

A inclusão da LE nas séries iniciais é fato novo no contexto escolar brasileiro. Por isso, os professores enfrentam grandes dificuldades para lidar com essa realidade. Este não é um desafio que se apresenta apenas para as escolas públicas. As escolas particulares enfrentam o mesmo problema. Não se tem, ainda, um consenso sobre o que ensinar e como ensinar a LE nessa fase inicial. É hora de repensar a formação do professor, bem como toda a estrutura e logística do ensino de LE para este período da vida das crianças. Com a permanente evolução de todos os meios de comunicação, a criança está muito exposta e suscetível ao recebimento de informações em outros idiomas. Se este volume de informações não for administrado de forma correta pelos pais e pelos professores, poderá resultar em problemas futuros, como bloqueios e até rejeição ao estudo da nova língua. Na verdade, é requisito básico que o professor conheça, em primeiro lugar, o processo de aquisição da LM para, em seguida, entender o processo de aquisição da LE, pois esta se dará sobre a estrutura da primeira.

Como já foi dito, a escola é formal e artificial. Os estudos são unânimes em afirmar que a criança apresenta certa rejeição em relação ao ensino formal, seja no que tange ao ensino da estrutura da língua, seja com relação ao espaço

artificial proporcionado pelo ambiente. Sua competência lingüística se forma em estágios e estes devem ser respeitados.

No ambiente familiar, a criança, às vezes, convive com mais de um idioma ao mesmo tempo, aprendendo todos com sucesso. Em casa, ela se comunica, se manifesta na língua estrangeira quando solicitada e quando for do seu interesse. Isso, para a criança, faz sentido e tem significado, pois o convívio com outro idioma no ambiente familiar soa como algo natural e não artificial. E, mesmo que os familiares não sejam falantes nativos, basta que apresentem algum nível satisfatório de domínio e fluência para que a criança seja introduzida com sucesso na nova língua.

Por ambientação natural se entende que a interação entre os membros do grupo, bem como o espaço físico, possa criar uma harmonização adequada para que ocorra, de fato, o interesse do aluno. A aquisição do idioma precisa se concretizar com as informações mais autênticas possíveis - sempre o mais próximo da língua nativa. Assim, haverá menos probabilidade de fossilização de "erros" ou "desvios" de pronúncia, que são de difícil eliminação e trazem marcas profundas para a vida do aluno.

Considerando que a tenra idade é o momento ideal para se alcançar proficiência, com mais facilidade, em línguas estrangeiras, compete às escolas de Ensino Fundamental avaliar a realidade que se apresenta, observando o que as pesquisas e os estudos na área têm mostrado e, a partir daí, viabilizar maior formação e informação aos docentes. É preciso, pelo menos parcialmente, deixar de lado as propostas notadamente mercantis das editoras, as quais, em geral, não apresentam oportunidades para a criação de ambientes naturais, mas, ao contrário, formalizam ainda mais o espaço escolar. É bom observar mais atentamente todos os aspectos em que a tecnologia e os meios de comunicação podem contribuir para proporcionar um ambiente favorável e natural na difícil, porém altamente desafiadora e empolgante tarefa de proporcionar um conhecimento básico - pelo menos - para a comunicação numa segunda língua, tanto aos alunos de escolas particulares como aos de escolas públicas.

REFERÊNCIAS

FRONKIN, V.; RODMAN, R. *An introduction to language*. Orlando, Florida: Harcourt Brace & Company, 1998.

GIMSON, A. C. *A practical course of English pronunciation*. London: Edward Arnold Publishers, 1975.

KRASHEN, S. D. *Principles and practice in second language acquisition*. Oxford: Pergamon Press, 1982.

LIGHTBOWN, Patsy M.; SPADA, Nina. *How languages are learned*. England: Oxford University Press, 2003.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

TAVARES, Ana Maria Ferraz. O despertar da linguagem. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, p. 01-03, 27 e 28 jul. 2002.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Cascavel

REVISTA LÍNGUAS & LETRAS

Versão eletrônica disponível na internet:

www.unioeste.br/saber